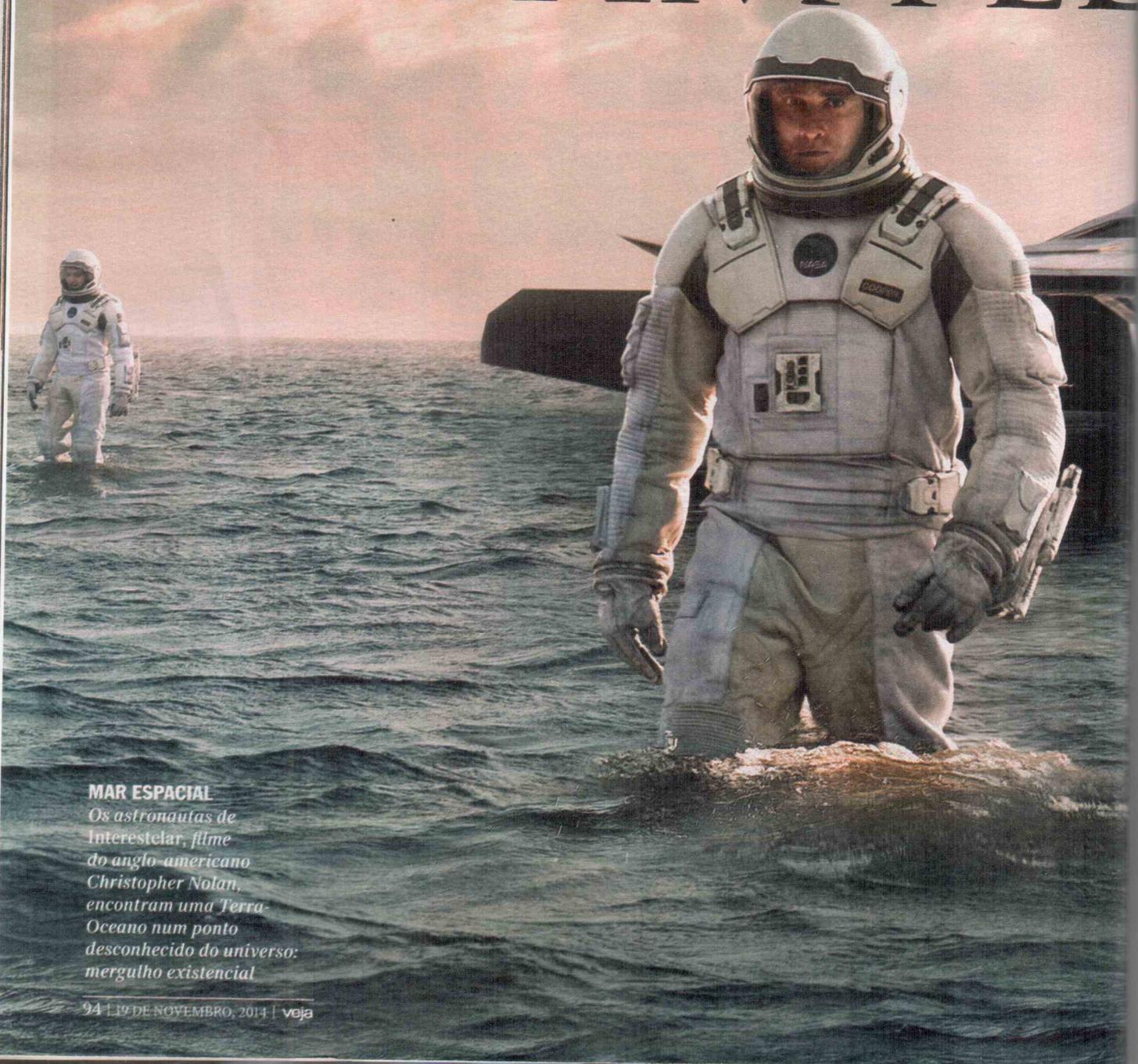




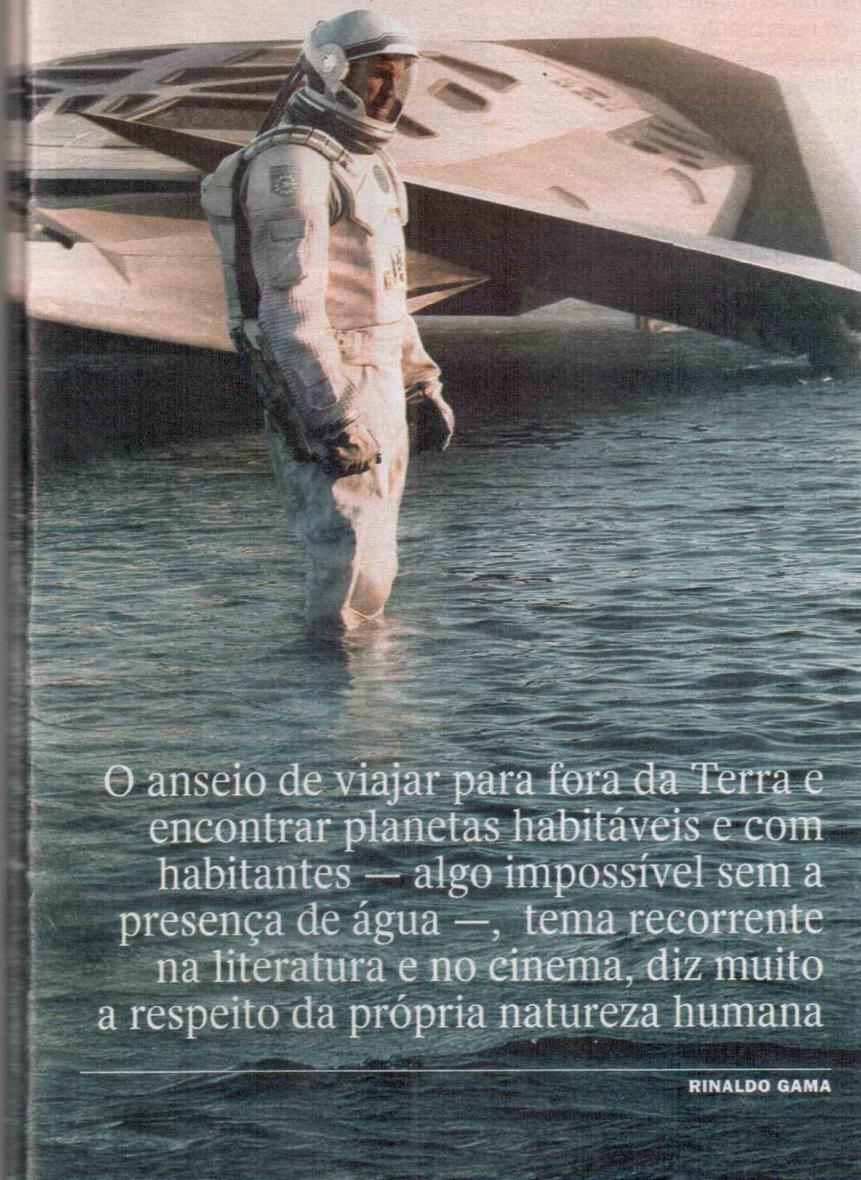
UMA ODISSEIA SEM FIM PELO



MAR ESPACIAL

Os astronautas de Interestelar, filme do anglo-americano Christopher Nolan, encontram uma Terra-Oceano num ponto desconhecido do universo: mergulho existencial

IA A VIDA



O anseio de viajar para fora da Terra e encontrar planetas habitáveis e com habitantes — algo impossível sem a presença de água —, tema recorrente na literatura e no cinema, diz muito a respeito da própria natureza humana

RINALDO GAMA

“Assim como não constitui nenhuma surpresa que entre todos os sapatos de uma sapataria exista pelo menos um par que lhe sirva, tampouco é uma surpresa que entre todos os planetas exista pelo menos um cuja órbita esteja a uma distância de sua estrela que seja a correta para produzir um clima compatível com nossa forma de vida.”

BRIAN GREENE, físico americano

Em uma cena de *Interstellar*, o ambicioso filme de Christopher Nolan, a astronauta Amelia (Anne Hathaway) emociona-se ao ver que sua missão — encarregada de descobrir um lugar no universo desconhecido onde a espécie humana pudesse ter continuidade — chegara a um planeta coberto de água, fonte de vida, ela faz questão de lembrar. Com isso, a sensação é que o objetivo do grupo havia sido alcançado.

Por que teriam ido tão longe? Um diálogo travado pouco antes, ainda na Terra, pelo pai de Amelia, o professor Brand (Michael Caine), e Cooper, o piloto-protagonista (Matthew McConaughey), ajuda a compreender o porquê da jornada para além das estrelas:

— E agora, vai me dizer como planeja salvar o mundo? — pergunta Cooper.

— Não pretendemos salvar o mundo. Pretendemos deixá-lo — responde Brand.

A conversa não poderia ser mais emblemática para o enredo do longa-metragem. Ao mesmo tempo, sinaliza algo que o ultrapassa — nossa incessante busca por outro lar, uma “Terra 2.0”, que parece fazer parte da própria natureza humana.

No filme, diante da agonia terrestre — e do fato de que “nada no nosso sistema solar pode nos ajudar”, como diz uma das personagens —, a única saída é lançar-se ao espaço na esperança de descobrir um planeta no qual a espécie possa se livrar da extinção. Esse anseio de encontrar outros mundos, no entanto, ao contrário do que se costuma supor, está longe de ser recente na história da humanidade. Não se formou com o advento da ficção científica, tampouco a partir dos alarmes de um meio

DIVULGAÇÃO



ambiente adoecido em razão da péssima, criminoso e irresponsável convivência que o homem moderno estabeleceu com ele. Na verdade, a pretensão de sair da Terra, ganhar o espaço e encontrar outras galáxias habitáveis — e nelas, outros habitantes — é remotíssima. E nem sempre esteve associada a um sentido de emergência, como em *Interstelar* — cujo ponto de partida, a ameaça do fim dos recursos naturais, não representa sequer a unanimidade do pensamento científico. Assim, a pergunta que se impõe, incontornável, é: por que esse afã de buscar uma Terra 2.0, sobretudo quando mesmo a ciência tem dúvida de que ela exista e, se existir, possivelmente estará tão distante que jamais se poderá alcançá-la?

Ressalte-se que a condição primeira para a pertinência dessa vocação humana, demasiado humana, para procurar outros mundos — a existência de um universo repleto de inúmeros e variados sistemas planetários — já era intuída por Demócrito de Abdera (c. 460-370 a.C.), organizador da doutrina atomista. Está se falando, portanto, de aproximadamente 2.500 anos atrás. Textos com referências a expedições espaciais datam da Antiguidade. Considerado um precursor da ficção científica, o sírio Luciano de Samósata (125-180 d.C.) escreveu uma estranha narrativa na qual um barco é soprado até os céus por “um enorme tufão” — qualquer aparelho que levasse o homem aos ares era impensável — e seus tripulantes avistam “nosso planeta Terra”. O alemão Johannes Kepler (1571-1630), o maior astrônomo de sua época, é autor de um livro no qual um personagem vai à Lua. O tema seria explorado muitas vezes depois na literatura e no cinema — como fizeram os franceses Júlio Verne (1828-1905), que lançou *Da Terra à Lua*, em 1865, e Georges Méliès (1861-1938), cujo *Viajem à Lua*, de 1902, é tido como o primeiro filme de ficção científica.

Seria preciso, como se sabe, esperar até 1969 para que o primeiro homem, de fato, pusesse os pés no satélite da Terra, período em que a ficção visitou incessantemente aquele e outros tantos pontos do universo. A questão é que até mesmo isso que entendemos como universo anda sendo

posto em xeque pela ciência. Em *A Realidade Oculta*, o físico Brian Greene, professor da Universidade Columbia, afirma que a próxima “revolução do conhecimento” pode estar na possibilidade de que o universo não seja único. O “espaço”, que imaginávamos conter “tudo o que existe”, seria apenas parte de algo infinitamente extenso. “‘Universo’ deu lugar a outros termos, no afã de captar o ambiente maior em que a totalidade da realidade está contida. Mundos paralelos, ou universos paralelos, ou múltiplos universos, ou universos alternativos, ou metaverso, ou megaverso, ou multiverso — todos são sinônimos e todos são termos usados para incluir não só nosso universo, mas todo um espectro de outros universos que podem existir no espaço mais amplo”, destaca Greene. Se nosso “universo” faz parte de um “multiverso”, a chance de que existam outros mundos onde a vida, especialmente a humana, possa acontecer aumenta, claro. Só de exoplanetas — os que estão na órbita de outras estrelas que não o Sol, mas ainda dentro do nosso universo —, já há registro de pelo menos 1.800. O mais parecido com a Terra, o Kepler 186f, localiza-se a 500 anos-luz, ou seja, viajando à velocidade da luz, o homem demoraria 500 anos para chegar até ele.

Greene, em sua obra, lista nove versões de multiverso — algumas desconcertantes. O “multiverso repetitivo”, por exemplo, abrigaria mundos paralelos, com cópias de toda sorte de coisas que conhecemos, inclusive de nós mesmos, numa concretização exacerbada do motivo literário do “duplo”, que inspirou autores como o russo Fiodor Dostoiévski (1821-1881) e o americano Philip Roth. No “multiverso holográfico”, ocorreria algo semelhante ao mito da caverna, do filósofo grego Platão (c. 427-348 a.C.): a realidade funcionaria como um holograma.

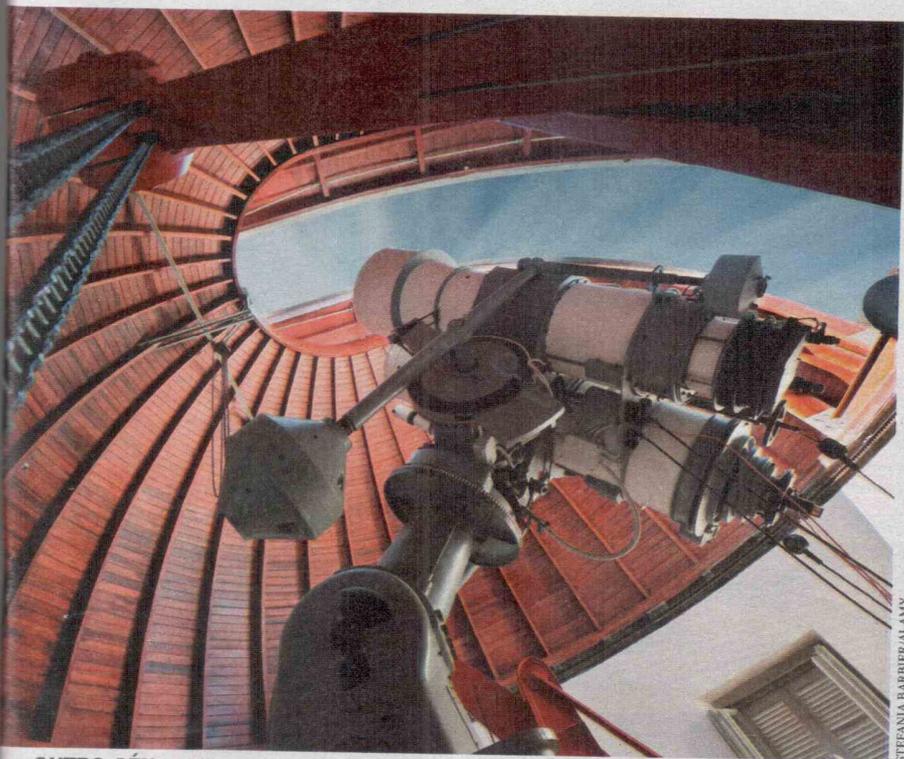
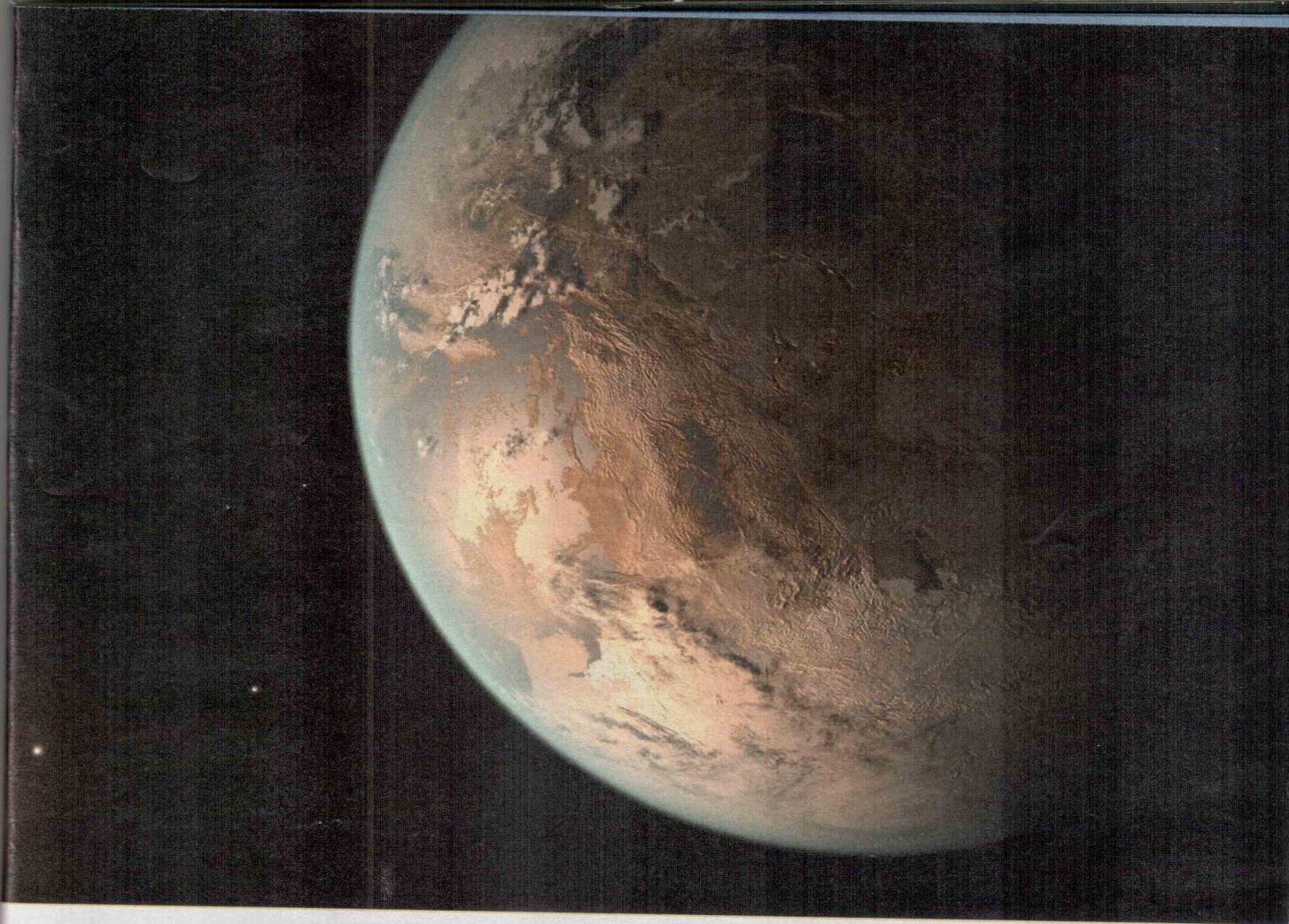
A pergunta inicial, entretanto, persiste: por que alimentar o anseio de encontrar outros mundos, outros universos, outros seres inteligentes? Para dividir o peso de estar aqui? “Se estivermos sós, significa que não somos apenas os herdeiros do universo, mas também seus únicos guardiães. Seria inacreditável”, declarou a VEJA, em

PRÓXIMO, MAS DISTANTE

Concepção artística do Kepler 186f, o planeta mais parecido com o nosso localizado pela Nasa: a 500 anos-luz de distância, o que equivale a dizer que seriam necessários 500 anos para chegar até ele viajando à velocidade da luz

NASA

1996, o escritor inglês Arthur C. Clarke (1917-2008), autor do clássico *2001: uma Odisseia no Espaço*, filmado em 1968 pelo americano Stanley Kubrick (1928-1999). “O ser humano busca vida em outros planetas porque quer saber mais sobre a própria origem”, acredita a astrofísica Duília de Mello, pesquisadora do Goddard Space Flight Center, da Nasa, e especialista na análise de imagens do telescópio Hubble. “É muito enigmático pensarmos que somos os únicos habitantes inteligentes. Carl Sagan tem uma frase famosa: ‘Se fôssemos os únicos no universo, seria um grande desperdício de espaço’”, comenta. “A ideia de procurar vida lá fora remete, em alguma medida, à ideia milenarista de um messias. Após a II Guerra, começou uma febre de óvnis. O horror e a destruição trazidos pelo conflito contribuíram para insuflar a perspectiva de que seres mais avançados nos ajudariam a retomar o caminho certo. Eles nos salvariam”, argumenta Silas Guerriero, professor do programa de pós-graduação em ciência da religião da PUC-SP. A



STEPHANIA BARBIER/ALAMY

OUTRO CÉU O Observatório do Vaticano, fundado em 1774 e hoje sediado em Castel Gandolfo, residência de verão do papa: os avanços da ciência não colidiriam com a fé católica

Igreja Católica, que fundou seu primeiro observatório em 1774, hoje sediado na residência de verão do papa, em Castel Gandolfo, tem procurado conciliar avanços científicos com a fé. “A possível descoberta de vida em outro planeta não colocaria a teologia cristã em crise. Nesse contexto, Deus é o criador de tudo, logo, também seria criador desses outros habitantes do universo”, pondera Guerriero.

“Processos astrofísicos produzem planetas por todo o cosmo. (...) Nós nos encontramos em um desses planetas, que gira a 150 milhões de quilômetros de nosso sol, porque este é um planeta em que nossa forma de vida *pôde* evoluir. Se não levarmos em conta esse viés de seleção, tenderemos a ficar buscando uma resposta mais profunda”, anota Brian Green em *A Realidade Oculta*. E por que não buscá-la? Pode-se começar com o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951): “A solução do enigma da vida no espaço e no tempo encontra-se fora do espaço e do tempo”.

COM REPORTAGEM DE
FERNANDA ALLEGRETTI